


**EDUCAÇÃO INCLUSIVA POR MEIO DA PRÁTICA TEATRAL E CINEMATOGRAFICA
NO ENSINO BÁSICO: UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE INTERDISCIPLINAR E
EMANCIPATÓRIA**

**INCLUSIVE EDUCATION THROUGH THEATRICAL AND CINEMATOGRAPHIC
PRACTICE IN BASIC EDUCATION: AN INTERDISCIPLINARY AND EMANCIPATORY
TEACHING EXPERIENCE**

**EDUCACIÓN INCLUSIVA A TRAVÉS DE LA PRÁCTICA TEATRAL Y
CINEMATOGRAFICA EN EDUCACIÓN BÁSICA: UNA EXPERIENCIA DOCENTE
INTERDISCIPLINARIA Y EMANCIPADORA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-181>

Data de submissão: 17/11/2025

Data de publicação: 17/12/2025

Ângela do Céu Gonzaga de Vasconcelos

Doutora Ciências de la educación

Instituição: Universidad Autónoma de Asunción

E-mail: angelaatriz@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo objetiva discorrer sobre uma experiência docente a partir da realização de um projeto teatral e cinematográfico, tomado como prática pedagógica inclusiva e emancipatória, voltado para estudantes e professores/as de uma escola pública de ensino básico, em Belém, Pará, no ano de 2015. Metodologicamente, adotou-se a pesquisa descritiva qualitativa por meio da observação participante, a fim de analisar a aplicação e o desenvolvimento de habilidades e competências de Linguagens, Humanidades e Sociocomunicação, combinando-se teoria e prática de forma estruturada, colaborativa e interdisciplinar nas atividades e roteiros de estudos com os estudantes e os professores/as. A pesquisadora, atriz e professora de Língua Portuguesa da escola, coordenou e orientou todas as etapas da ação, que compreendeu visualizações e análises de filmes e a produção do filme curta-metragem “Severa Romana em Tese”, procedendo-se às adaptações necessárias à inclusão dos participantes e às contribuições do grupo. Procedeu-se à análise dos resultados de abordagem interpretativa e crítica, com a sinalização de que práticas educativas interdisciplinares e emancipatórias na educação básica estimulam a formação humanista e inclusiva de crianças, adolescentes e profissionais da educação. Além disso, foi evidenciado o protagonismo pessoal e social dos/as estudantes, cujo desenvolvimento de aspectos cognitivos, criativos e socioemocionais colabora para a genuína inclusão na sociedade.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Teatro. Cinema. Interdisciplinaridade. Emancipação.

ABSTRACT

This study aims to discuss a teaching experience based on the implementation of a theatrical and cinematographic project, considered as an inclusive and emancipatory pedagogical practice, aimed at students and teachers of a public elementary school in Belém, Pará, in 2015. Methodologically, a qualitative descriptive research approach was adopted through participant observation, in order to analyze the application and development of skills and competencies in Languages, Humanities, and Sociocommunication, combining theory and practice in a structured, collaborative, and interdisciplinary way in the activities and study scripts with the students and teachers. The researcher, an actress and Portuguese Language teacher at the school, coordinated and guided all stages of the

action, which included viewings and analyses of films and the production of the short film "Severa Romana em Tese," making the necessary adaptations for the inclusion of participants and the contributions of the group. The results of an interpretative and critical approach were analyzed, indicating that interdisciplinary and emancipatory educational practices in basic education stimulate the humanistic and inclusive development of children, adolescents, and education professionals. Furthermore, the personal and social protagonism of the students was highlighted, whose development of cognitive, creative, and socio-emotional aspects contributes to genuine inclusion in society.

Keywords: Inclusive Education. Theatre. Cinema. Interdisciplinarity. Emancipation.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo discutir una experiencia docente basada en la implementación de un proyecto teatral y cinematográfico, considerado como una práctica pedagógica inclusiva y emancipadora, dirigido a estudiantes y docentes de una escuela primaria pública en Belém, Pará, en 2015. Metodológicamente, se adoptó un enfoque de investigación descriptiva cualitativa mediante observación participante, con el fin de analizar la aplicación y el desarrollo de habilidades y competencias en Lenguas, Humanidades y Sociocomunicación, combinando teoría y práctica de forma estructurada, colaborativa e interdisciplinaria en las actividades y guiones de estudio con los estudiantes y docentes. La investigadora, actriz y profesora de Lengua Portuguesa en la escuela, coordinó y orientó todas las etapas de la acción, que incluyeron proyecciones y análisis de películas y la producción del cortometraje "Severa Romana em Tese", realizando las adaptaciones necesarias para la inclusión de los participantes y las contribuciones del grupo. Se analizaron los resultados de un enfoque interpretativo y crítico, indicando que las prácticas educativas interdisciplinarias y emancipadoras en la educación básica estimulan el desarrollo humanístico e inclusivo de niños, adolescentes y profesionales de la educación. Además, se destacó el protagonismo personal y social del alumnado, cuyo desarrollo cognitivo, creativo y socioemocional contribuye a una verdadera inclusión social.

Palabras clave: Educación Inclusiva. Teatro. Cine. Interdisciplinariedad. Emancipación.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho circunscreve-se à prática pedagógica desenvolvida pela autora, professora de Língua Portuguesa e atriz de teatro, voltada ao Ensino Básico, sob perspectiva da educação interdisciplinar e inclusiva, com estudantes do ensino fundamental e médio e professores/as, por meio da ação didática “Teatro, Cinema e História”, em uma escola pública em Belém, Pará, Brasil, no ano de 2015. Sua relevância emerge da necessidade de comunicar uma experiência educacional dialógica, aliada à importância da difusão de experiências que buscam reforçar e difundir a função emancipatória da educação.

Amparado nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) e em parceria com a Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional do colégio – lugar desta pesquisa – a ação foi proposta inicialmente à gestão sob perspectiva de estudos e práticas interdisciplinares e extraclasse, com articulação de habilidades e competências relativas às áreas de Linguagens e de Humanidades (Língua Portuguesa, Artes, História e Sociologia), tendo como produto final o filme curta-metragem “Severa Romana em Tese”, no qual, após divulgação e orientações à Comunidade Escolar, estudantes e professores pudeream atuar como atores, atrizes e agentes técnicos.

Neste estudo, adotou-se a metodologia descritiva, com base em um relato de experiência docente, cujo método qualitativo focou a observação participante, possibilitando a imersão da pesquisadora no contexto da execução da ação e na interação com os participantes. Nesse sentido, este artigo objetiva discorrer sobre a experiência docente a partir da realização desse projeto educacional interdisciplinar para fins de prática inclusiva, considerando-se que a participação ativa e a colaboração dialógica entre estudantes e professores/as em atividades de leitura fílmica e corporal, assim como em atividades de escuta, de escrita e de dramatização no espaço escolar favorecem o desenvolvimento ético e crítico dos/as estudantes. A experiência educacional, artística e sociocultural dos estudantes, aliada à sua dimensão socioemocional no espaço escolar, evidenciava a importância da interdisciplinaridade para a formação humanista e cidadã.

Além desta Introdução (1), este trabalho apresenta os seguintes tópicos: 2. Referencial teórico, com explanação de conceitos e desdobramentos relativos à educação inclusiva e seu amparo legal e interdisciplinar e às linguagens do teatro e do cinema no contexto inclusivo e sociocultural; 3. Metodologia, com detalhamento dos procedimentos adotados para a realização do trabalho, evidenciando o fazer cinematográfico no contexto interdisciplinar escolar; 4. Discussão e Resultados, com análise dos achados teórico-práticos da pesquisa; 5. Considerações finais, com apontamento de síntese dos resultados e sugestões para aprofundamento do tema da inclusão escolar sob perspectiva interdisciplinar.

Por fim, constatou-se que práticas realizadas mediante o projeto, com a participação dos/as estudantes, cuja socialização, interação e colaboração demonstraram sentimento de pertencimento e inclusão, resultam em processo ensino-aprendizagem mais significativo e para além do tradicionalmente estabelecido.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, a educação sob perspectiva inclusiva está prevista no Estatuto da Pessoa com Deficiência – Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 –, no Plano Nacional de Educação – Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, prorrogado até 31 de dezembro de 2025 –, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 –, e na Base Nacional Comum Curricular-BNCC (Brasil, 2018), além de decretos, portarias, resoluções e notas técnicas que versam sobre o assunto e o atualizam. Um olhar crítico sobre esse tema tende a revelar o quanto essa questão reflete ainda debates contrários e ações nem sempre convergentes para práticas institucionais, sociais e pedagógicas emancipatórias e de justiça social.

O Capítulo IV do Estatuto, referente ao Direito à Educação, estabelece no Art. 27 que “a educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida”, com destaque à promoção e ao acesso de formas e instrumentos pedagógicos que promovam ao estudante “o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem” (Brasil, 2015). Nesse sentido, o direito à inclusão do/a estudante está contido no direito de aprendizagem, o qual contém o direito do desenvolvimento socioemocional e ético, que transcende as práticas disciplinares e fragmentárias do ensino tradicional, assim como se espalha para além da sala de aula e do espaço escolar – físico e virtual.

Como defende Paulo Freire (1987, p. 61), “É preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, até que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”. Uma das possibilidades de tomar a inclusão concreta entre estudantes do ensino básico é por meio de práticas que implementem a formação socioemocional de modo coletivo, uma vez que uma turma ou a própria escola constitui uma comunidade, na qual as áreas do conhecimento – Linguagens, Humanidades e Natureza – se comunicam e se influenciam reciprocamente. Bannel *et al.* (2016), ao discorrerem sobre tecnologias e educação contemporânea, assinalam que as habilidades de falar e ouvir de forma atenta e empática promovem a conexão dos indivíduos/estudantes consigo mesmos e com os outros, de modo a

favorecer relações humanas respeitosas, éticas e inclusivas, com possibilidade de enfrentamento social e busca por resolução de conflitos, para a genuína emancipação.

Sob essa perspectiva, as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular-BNCC (Brasil, 2018), estabelecem que as competências socioemocionais no contexto escolar, referentes à autoconsciência, autogestão, consciência social, habilidade de relacionamento e tomada de decisão, se vinculam à proposta de Educação para o século 21, da Organização das Nações Unidas para Educação (UNESCO), com vistas ao ensino inclusivo e integral. Dessarte, práticas emancipatórias devem apresentar a interdisciplinaridade como eixo norteador sob o ponto estrutural e das ações cotidianas da comunidade escolar (Thiesen, 2008; Filgueiras e Fortes, 2022). Desse modo, a interconexão entre produção e reconstrução do conhecimento refletirá as necessidades e potencialidades da sociedade contemporânea, com possibilidade de superação da lógica instrumental e funcional e utilitária das escolas.

Thiesen (2008) pontua que a interdisciplinaridade nas práticas pedagógicas ainda constitui um grande desafio aos professores e técnicos, uma vez que a organização institucional tende a focar essa temática sobretudo em discussões em torno do projeto pedagógico, não havendo cotidianamente condições favoráveis para sua efetivação.

Portanto, a orientação para o enfoque interdisciplinar na prática pedagógica representa a ruptura daquilo que está estabelecido e conformado, provocando inquietações que ultrapassam a meras formações continuadas ou palestras. O investimento na formação socioemocional e inclusiva do corpo docente e técnico é necessário para a postura e as ações interdisciplinares no ensino básico.

A comunicação desenvolvida no espaço escolar é decisiva para a educação inclusiva. A metodologia da Comunicação Não Violenta, conforme Rosenberg (2006), é fundamental aos processos grupais e educacionais, uma vez que ela desenvolve a consciência sobre o valor das relações sociais e o desejo de se expressar e ouvir nas informais e formais. Ademais, as práticas de linguagem (leitura, oralidade e produção textual) facilitam o “exercício da escuta” (Dunker, 2020), contribuindo para a formação sensível, inclusiva e crítica dos/as estudantes.

Cecílio (2019) argumenta que a linguagem literária e artística se apresenta como um recurso imprescindível a esse processo, uma vez que a utilização da literatura e do conteúdo artístico-literário contribui positivamente para o desenvolvimento da dimensão afetiva-social de crianças e adolescentes, por meio da estimulação de sentimentos como estima e empatia pelos personagens, seus conflitos e desafios.

Entre a variedade de práticas interdisciplinares inclusivas, destaca-se a dramatização, a encenação. Sabemos que os vocábulos de um idioma são polissêmicos, plurissignificativos, a palavra

“Teatro”, por exemplo, possui vários significados. Assim, Aurélio Buarque de Holanda, em seu “Minidicionário da Língua Portuguesa” (2023), registra que “Teatro é o edifício onde se apresentam obras dramáticas, óperas etc.; é a arte de representar; coleção das obras dramáticas de um autor, época ou nação”. Entretanto, além dos conceitos que o autor indica, há dois outros básicos e fundamentais: o prédio onde se realizam espetáculos e uma arte específica, transmitida pelo ator ao público (Faria, 2006).

No século VI a.C., um ateniense chamado Téspis de Ática construiu um altar sobre uma carroça, fantasiou-se de deus Dionísio, portando uma túnica, sobre os ombros, e tosca máscara, sobre o rosto. Quando pessoas passavam pelo local, em direção à festa tradicional feita ao deus da alegria, do vinho, da orgia e das paixões, Téspis gritou: “Eu sou Dionísio!”. E, assim, as pessoas aceitaram a encenação e o classificaram como um deus de carne, o povo gostou da interpretação de Téspis, aplaudindo-o: foi o surgimento do Teatro (Prado, 1999; Civita, 2010; Faria, 2012). Por tanto, essa prática cultural despontou em Atenas, Grécia, com finalidades de teor religioso, e com o passar dos anos, os temas sofreram variações, tendendo ao clássico. Desde essas remotas épocas, temos visto que a dramatização teatral é uma arte extremamente relevante ao ser humano, trazendo-lhe benefícios ao espírito, ao estado emocional e mental, à subjetividade, às relações sociais, como deleite, prazer estético, entretenimento, diversão, reflexão, criticidade, resistência, potência e aprendizagens emancipatórias e transformadoras em contextos de educação formal e informal.

De acordo com Piletti e Rossato (2012), a teoria da Afetividade na Aprendizagem de Henri Wallon busca o desenvolvimento integral, holístico do indivíduo, em que a articulação dos domínios afetivo, cognitivo, motor e social é fundamental ao processo de desenvolvimento sujeito em interação consigo e o mundo (físico, simbólico, relacional e cultural). No âmbito educacional, a importância da dramatização ou do cênico é evidente, e os docentes podem lançar mão desse valioso recurso de fácil acesso para a promoção de um ensino-aprendizagem com maior qualidade e inclusão, fortalecendo competências e habilidades socioemocionais dos estudantes. É fundamental reconhecer que a experiência afetiva nas práticas educacionais ativas e colaborativas, por meio da Arte e da interdisciplinaridade, contribui positivamente para a qualidade da aprendizagem, do ensino e das relações inter e intrapessoais e sociais.

Nota-se que as primeiras dramatizações são expressões bem espontâneas a partir de sugestões do/a professor/a, que atua como facilitadora do processo. A criança/adolescente, quando dramatiza a rotina da vida, acaba adquirindo experiências e aprendizados significativos. Na dramatização, o/a educando/a utiliza o corpo, os movimentos, a voz como forma de expressão, desenvolvendo a linguagem oral, gestual e sensorial. Assim, a prática dramatúrgica educa e desperta, mobilizando a

imaginação, as habilidades criativas e criadoras e a autoexpressividade.

Desse modo, o teatro é tomado como ferramenta educacional lúdica para expressão da liberdade, da interação e da inclusão social, seja por meio de fantoches, mímicas ou dramatizações variadas, contribuindo para o aumento da observação, da atenção, da memória, promovendo a organização do pensamento e da imaginação. Essa atividade, quando acompanhada de um script ou roteiro, com tema, objetivo, justificativa etc., orienta o trabalho coletivo, não limitando a criatividade dos participantes da proposta dramática. Com essa supervisão, é possível o deslocamento do teatro para a produção filmica ou cinematográfica.

Almeida (2017), por meio de revisão bibliográfica, analisa fundamentos e perspectivas entre Cinema e Educação, destacando abordagens conservadoras, nas quais o cinema figura como mera ferramenta didática em sala de aula, abordagens mais ampliadas, em que a arte é tomada como produtor de sentidos, assim como perspectivas sociológicas, didáticas voltadas aos estudos culturais e à dimensão criativa e sensível. “Seja como for, a criação ou a transcrição por meio da arte é uma gramática incontornável, pois entranhada na espécie (em conexão com o fundamento antropológico), é sua capacidade de inventar versões do que não aconteceu (Almeida, 2017, p. 23), como também outras versões do acontecido, do vivido.

Sobre o cinema, Cabrera (2006, p.17) que é “uma forma de pensamento, objeto conceitual, um conceito visual e em movimento”, o qual não demonstra apenas ideias, mas representa, ainda, as emoções humanas para sentir o mundo e compreendê-lo. Nessa perspectiva, Duarte (2002) discorre sobre a contribuição do cinema e do audiovisual para o processo de socialização no campo escolar, equiparando essa linguagem a produções literárias e filosóficas. Por isso, o uso e a aprendizagem da linguagem filmica – posição da câmera, seus movimentos, elementos visuais, sonoros – constituem práticas pedagógicas e socioculturais que enriquecem o repertório de conhecimentos, saberes e experiências dos/as estudantes.

Portanto, a importância do contexto para o exercício teatral com vistas para a atividade audiovisual ou filmica, pode ser verificada na sala de aula ou em qualquer outro ambiente da escola, em que o/a professor/a, depois de seleção de texto ou fato – produção literária, fato do cotidiano, fato presenciado ou ainda proveniente da imaginação criadora dos estudantes –, estimula os educandos a representar cenicamente a situação, tornando-a artística e/ou poética, prazerosa, catártica e emancipatória.

3 METODOLOGIA

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

No ano de 2015, numa escola pública de ensino básico, da rede federal, situada em Belém do Pará, Brasil, a autora deste trabalho, que é professora de Língua Portuguesa e atriz de teatro, propôs e desenvolveu a ação didática interdisciplinar “Teatro, Cinema e História”, sob perspectiva da educação inclusiva, com estudantes do ensino fundamental e médio e professores/as. Desde a proposta inicial foi prevista a produção do filme curta-metragem intitulado “Severa Romana em Tese”, com participação de todos os envolvidos na ação didática, com base na peça teatral “Severa Romana”, escrita pelo dramaturgo por Nazareno Tourinho.

Após reunião com a coordenação escolar, os estudantes e suas famílias foram comunicados da ação, que, enquanto atividade extracurricular, foi realizada no período vespertino, no contraturno, entre os meses de fevereiro e novembro de 2015. Os alunos interessados procederam à inscrição conforme o protocolo institucional.

Depois dos primeiros encontros, formou-se o grupo fixo, cujos participantes foram 3 alunos (1 menina e 2 meninos) do ensino médio, 6 (1 menina e 5 meninos) do ensino fundamental; 4 professores do colégio, sendo: 1 professora de Língua Portuguesa, 1 professor de Arte (Música), 1 professora de Sociologia e 1 professor de História. Na fase final da ação, o dramaturgo participou como narrador no filme.

As atividades de reunião, planejamento, estudo, discussão, ensaios e gravações foram realizadas na Sala de Teatro e Música do colégio, em outras dependências internas e em espaços externos, para atendimento e adequação de certas necessidades.

3.2 O FAZER TEATRAL NO CONTEXTO ESCOLAR: ESTUDO DA PEÇA “SEVERA ROMANA” E HISTÓRIA

Depois de assistirmos alguns filmes, nacionais e estrangeiros, para o exercício da sensibilidade, percepção e reflexão, seguidos de conversas e trocas de experiências, iniciamos o estudo sobre o teatro, com referência à sua história, conceito e funções estéticas, emocionais, políticas e socioculturais.

Na sequência, procedemos à leitura e ao estudo do texto dramático “Severa Romana”, do escritor belenense Nazareno Tourinho. O texto é baseado em um crime real contra uma mulher, assassinada por um colega de seu esposo. Severa Romana era uma mulher maranhense, de 19 anos, que vivia em Belém do Pará; era lavadeira de roupas, casada com o soldado do Exército Pedro Cavalcante de Oliveira, e estava grávida de nove meses. O marido de Severa tinha como colega de

trabalho o cabo Ferreira. Este, após conhecer Severa, começou a assediá-la sexualmente e, como não conseguiu estuprá-la, ele a assassinou. Isso aconteceu em 2 de julho de 1900.

A leitura da obra e sua contextualização (para os alunos a partir de 12 anos de idade), procuramos cumprir a ética profissional, modulando o discurso sobre um tema tão violento e, assim, os participantes do grupo demonstraram interesse e engajamento, expressando motivação para conhecer mais sobre essa história de violência contra a mulher, da cultura desse tempo e das formas de socialização e interação entre as pessoas, o papel social das instituições e o posicionamento da sociedade da época (e atual).

3.3 O FAZER CINEMATOGRAFICO NO CONTEXTO ESCOLAR: APRENDIZAGEM E INCLUSÃO

Antes da definição dos papéis para os primeiros ensaios, apresentamos ao grupo a proposta de roteiro para a produção do filme “Severa Romana em Tese”. Em resumo, o roteiro ficou assim organizado:

Tomada I (Interna):

O escritor da peça “Severa Romana” narrando, em sua casa, o início da história; ele apresenta uma sinopse, sem contar o fim da história. Em seguida, a história é mostrada, por meio das cenas do filme.

Tomada II (Externa):

Severa Romana sai de casa, com uma trouxa de roupa na cabeça. Para em um riacho. Começa a lavar as roupas. Demonstra muito cansaço, em virtude de sua gravidez.

Tomada III (Interna):

O Cabo Ferreira conversa com o soldado Pedro, marido de Severa. Ele insinua, de forma cínica, que o soldado Pedro poderá estar, naquela noite, detido, no quartel.

Tomada IV (Interna):

O Cabo Ferreira conversa com Joana, vizinha de Severa, sobre o interesse dele por esta. Eles entram em atrito.

Tomada V (Interna):

Joana está na cozinha. A Vizinha chega. Elas conversam sobre o assédio do Cabo Ferreira contra Severa. A Vizinha diz que sente uma energia negativa, na casa.

Tomada VI (Interna):

Vizinha entra com o pé de tajá. Ela e o Cabo Ferreira discutem, na sala.

Tomada VII (Externa):

Crianças, adolescentes e a Comadre Maria Antônia brincam de roda, cantando.

Tomada VIII (Interna):

Severa Romana e Pedro conversam, no interior da casa de Joana. Ela insinua que o Cabo Ferreira é um mau caráter. Ela está com uma péssima intuição e Pedro tenta tirar essa ideia da cabeça dela.

Tomada IX (Interna):

O Cabo Ferreira está sozinho, na casa. Severa chega.

Tomada X (Interna):

O dramaturgo, Nazareno Tourinho, o dramaturgo, finaliza a história.

Nazareno Tourinho (Narrador) – Severa Romama ... Uma mulher que foi o berço e o túmulo do seu único filho.

Essa proposta foi aceita. Então, no período de dez meses, entre 1º de fevereiro e 1º de novembro de 2015, o roteiro sofreu pequenos ajustes e foi compartilhado com todos os participantes do grupo, para proceder à execução. Durante os encontros e ensaios, lemos, discutimos, problematizamos, interpretamos e analisamos a peça teatral “Severa Romana”, assim como interpretamos, encenamos personagens desta obra no espaço escolar e fora dele. Assistiram, ainda, a um filme homônimo; participaram de debates a respeito da obra, recital poético, exercícios corporais, técnicas musicais, buscando o aperfeiçoamento da dicção (“Quando o Fernando Sétimo usava paletó...” / “O sapo não lava o pé...”, etc.), técnicas para aperfeiçoar a concentração (“O meu chapéu tem três pontas...”), buscando proporcionar aos estudantes, aos professores e à comunidade a oportunidade de conhecer e analisar uma obra que faz parte tanto do repertório regional e nacional universal quanto do universal, uma vez que a formação integral do discente deve estar alicerçada na formação global e não unilateral.

E, em se tratando do aprendizado cinematográfico-teatral, os educandos tiveram noções básicas de teatro, no que se refere à origem do teatro e sua história, desde Atenas, na Grécia, até os dias de hoje, conhecendo uma visão teórica geral do Teatro e sua evolução, no mundo, assim como também lhes foram dadas todas as noções conceituais a respeito dos principais elementos teatrais e cinematográficos: “teatro”, “personagem”, “texto”, “palco”, “plateia”, “iluminação”, “cenário”, “figurino”, “rubrica”, “sonoplastia”, “marcação”, “coxia”, “deixa”, “set”, “câmera”, “edição de imagens”, “gruas”, etc.

De posse de todos os principais elementos teóricos, o estudante recebeu aulas práticas de teatro e cinema, através da utilização e execução de jogos teatrais, valorizando a improvisação e tendo como base os jogos da Viola Spolin, aplicados à realidade de cada educando, visando ao fazer teatral didático, no colégio.

Todos os conhecimentos teóricos e práticos, no campo do fazer cinematográfico-teatral, culminaram com apresentações do filme em que cada participante – discentes e educadores – apresentou à plateia os resultados de um trabalho artístico e coletivo, com exercício de sensibilidade, reflexão, cultura, arte, prazer estético e deleite.

Tivemos, ainda, a participação especial de Nazareno Tourinho, escritor da peça “Severa Romana”, interpretando o Narrador do Episódio, cuja produção se desenrolava no contexto educacional por jovens estudantes, que, com curiosidade, motivação, engajamento e seriedade tornavam realidade a ação projetada pela docente coordenadora.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

No espaço escolar, as crianças e os adolescentes podem confeccionar máscaras, fantoches e figurinos com os quais irão apresentar-se, e assim, podem caracterizar-se, despindo-se de estigmas, tabus, preconceitos, limitações e entraves subjetivos e culturais em busca da constituição do/a personagem da dramatização, do “faz de conta” que supera a inibição ou não interação. Na escola, é importante que a dramatização seja enunciada e vista como uma espécie de brincadeira, como um jogo interativo, para que o prazer seja o sentimento maior e, assim, haja o sucesso, na aprendizagem dos que jogam e dos que assistem ao jogo dramático (Cabrera, 2006).

A prática teatral, quando interdisciplinar e orientada pelo professor/coordenador, proporciona horas agradáveis de recreação educativa, desenvolve a linguagem oral, ampliando o vocabulário, favorecendo o diálogo; enriquece experiências, por meio de atividades integradoras com outras disciplinas, cujos conhecimentos e saberes se atravessam e multiplicam-se; desenvolve a habilidade com as mãos, com o corpo; possibilita maior facilidade de dicção e expressão; oportuniza à criança e ao adolescente uma via de comunicação cognitiva, emocional e psíquica, para seu extravasamento, sua desenvoltura e compartilhamento de sentimentos e reflexões.

O filme curta-metragem “Severa Romana em Tese”, produzido pelo grupo da ação didática “Teatro, Cinema e História”, tem a duração de 15 minutos e está disponível na plataforma YouTube desde 2016. O produto narra de forma ficcional e cinematográfica a história verídica de Severa Romana, uma jovem cearense que morava em Belém do Pará, no ano de 1900, e aos 19 anos, casada com Pedro Cavalcante de Oliveira, de 22 anos, um soldado do 15º Batalhão de Infantaria do Exército, foi assassinada por motivação sexual, quando grávida de nove meses, por Antônio Ferreira dos Santos, de 39 anos, que era cabo e colega de quartel do marido de Severa.

Figura 1: Captura de tela do filme “Severa Romana em Tese”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=W785vJ-7wUQ>

Durante o estudo da peça, conhecemos a história do casal pobre que morava em um quartinho alugado, na casa de uma senhora chamada Joana Maria Gadelha. Severa era constantemente assediada

sexualmente pelo cabo do Exército do Ceará, Antônio Ferreira dos Santos, o qual havia sido transferido do Ceará ao Pará, e era colega de trabalho de seu esposo.

O cabo Ferreira, para aproximar-se de Severa, alugara um espaço na mesma casa onde a família morava. Certo dia, quando Pedro, o esposo, estava trabalhando no quartel, o agressor ficou sozinho com a vítima, que estava grávida, e resolveu assediá-la diretamente, objetivando ter com ela uma prática sexual. Ela lhe disse não; então, o cabo Ferreira pegou um canivete e avançou sobre Severa, golpeando-lhe a barriga, as costas e o pescoço, matando-a.

No artigo “Merecedoras das páginas da história”: memórias e representações da vida e da morte femininas - Belém, séculos XIX e XX, Franciane Lacerda (2012), discorre sobre o assassinato de Severa Romana em 1900, associando à Maria Bárbara, uma mulher que também fora assassinada em Belém no ano de 1800. As duas mulheres eram das camadas populares, trabalham como lavadeira, tinham como companheiros soldados e tiveram um fim trágico. De acordo com Lacerda (2012), imprensa e escritores da época produziram para as duas mulheres a imagem virtuosa de heroínas, como “mártir do amor conjugal”, que preferiram a “morte à desonra”, defensoras do casamento com suas próprias vidas e, por isso, santificadas sob perspectiva da moral cristã. Ainda segundo a autora, esses discursos alimentaram o imaginário popular e social com um ideal feminino moral e patriarcal que invisibilizava os atos violentos e criminosos dos homens e da sociedade da época.

O debate sobre o contexto e o tema do filme com os participantes do curta-metragem foi enriquecedor, gerando questionamentos sobre valores sociais, comportamentos humanos, luta por igualdade entre homens e mulheres etc. A participação do professor de História e da professora de Sociologia foi muita positiva nos encontros sobre essa discussão, com a inserção de informações e conhecimentos científicos relevantes à dinâmica. Isso também repercutiu no set durante a filmagem de “Severa Romana em Tese”, já que houve grande interesse dos/as alunos/as em reconstituir o ambiente do crime, mostrando-se como protagonistas do processo. Contudo, vivemos a dificuldade de não encontrar uma casa de barro, estilo dos anos de 1900, sem nenhuma pintura e extremamente rústica, por isso em alguns domingos, a coordenadora da ação, acompanhada de funcionários da escola, dirigiu pela estrada de integração da região metropolitana de Belém e até além dela em busca de alguma casinha do estilo da residência onde morou Severa Romana.

Depois de muita procura, foi encontrada a casa, situada entre Mosqueiro, ilha de Belém e Castanhal, cidade mais distante da capital. Em contato com os donos da propriedade, solicitamos que emprestassem o espaço para que servisse de locação para o filme. Em troca, receberam roupas, alimentos, brinquedos etc. Realizamos, assim, as filmagens, durante alguns finais de semana nessa casa.

Importa registrar que antes da execução do filme, no grupo da ação didática “Teatro, Cinema e História”, os estudantes que faziam a disciplina Arte, na modalidade Teatro, no turno da manhã, receberam ensinamentos sobre Teatro e as diferenças entre Teatro e Cinema. Aprenderam a conhecer características das funções que os profissionais dessa arte podem exercer: maquiador, cenógrafo, iluminador, ator, figurinista, diretor, produtor, dramaturgo, sonoplasta, costureiro, figurante e outras atividades exercidas por trabalhadores desse campo artístico.

Entre os alunos das classes havia alguns com necessidades educacionais específicas, entre elas, dificuldades de aprendizagem, transtorno do espectro autista (TEA), transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), problemas relacionados à ansiedade e depressão. Nesse contexto, havia uma aluna que, sempre que era chamada para exercitar a interpretação de algum personagem, ficava extremamente nervosa e chorava e dizia que gostaria muito de participar do filme. Devido a isso, foram trabalhados, em sala de aula, os jogos da Viola Spolin, no qual o aluno recebia a seguinte informação: “Hoje não teremos aula. Vamos apenas brincar.”. Assim, as técnicas teatrais lhes eram ensinadas sem que eles percebessem que estavam tendo aula. Para eles, eram apenas brincadeiras de faz de conta, mas, na verdade, atuavam com autonomia e protagonismo.

Dessa forma, a referida aluna e os outros participantes perdiam a inibição e começavam a demonstrar mais segurança em interpretar personagens, assim como tiveram sua segurança emocional ou autoestima elevada, com demonstração de autonomia e emancipação no processo. Alguns trabalharam no filme *Severa Romana em Tese*, como atores; outros ajudaram, durante os ensaios; pesquisaram sobre o tema, sobre a maquiagem, figurinos e adereços e contribuíram muito para a execução do filme.

Cabe registrar que, durante a estreia do filme, em 2015, no cinema mais antigo do Brasil – o Cinema Olympia, localizado em Belém do Pará e inaugurado em 24 de abril de 1912 –, os alunos lá compareceram e ficaram muito felizes ao receberem aplausos da plateia, formada por familiares, profissionais da educação e amigos. Foi uma noite de satisfação ao grupo coordenador dessa ação pedagógica, já que o resultado de um trabalho interdisciplinar lhes foi árduo, mas extremamente prazeroso, incentivador e emancipatório sob vários aspectos. Uma das falas da aluna citada anteriormente foi profundamente reveladora: “Professora, eu tenho talento pra ser atriz, né? Estou muito feliz! A mamãe gostou muito do nosso filme”. Portanto, executar essa ação pedagógica na escola foi, de fato, um grande privilégio para todas as pessoas envolvidas, estudantes professores, técnicos, familiares, amigos etc.

Ainda em 2015, o filme esteve em cartaz, também, no colégio da execução da atividade durante um evento de Arte e Cultura, o que gerou muito engajamento e reconhecimento pela

Comunidade Escolar. Em 2016, o curta-metragem ficou em cartaz nas Faculdades Integradas Brasil Amazônia – FIBRA – durante um mês, numa Exposição sobre a obra do dramaturgo Nazareno Tourinho.

É importante destacar que a obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, é uma obra extremamente relevante à história do Pará e da Amazônia, não somente por recontar um pouco da trajetória de vida de uma mulher que foi construída pela vozes masculinas (imprensa e literatos) da época como Santa Popular ou heroína de um pretenso modelo de família ou sociedade, mas também por ser uma obra de valor historiográfico, no que se refere à linguagem popular e regional, com grandes marcas de oralidade; por registrar costumes, crenças e tradições que instigam criticamente o presente e por ilustrar toda uma cultura do fim do século XIX e início do século XX.

Nesse sentido, inferimos que o curta-metragem “Sevrera Romama em Tese” possui relevante valor literário, artístico e historiográfico, sendo resultado de uma prática docente inclusiva, interdisciplinar, emancipatória e culturalmente válida e representativa da Amazônia paraense e da humanidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da ação docente por meio da prática teatral e cinematográfica no ensino básico resultou em uma experiência interdisciplinar e emancipatória bastante satisfatória, considerando-se estudantes, coordenadores da ação e Comunidade Escolar. Foi transformador perceber a interação e a inclusão dos participantes das atividades didáticas e artísticas, assim como a recepção de uma plateia sensível e dedicada à valorização do Teatro e do Cinema, tanto pelos estudantes quanto pela Comunidade Escolar. Isso evoca os ensinamentos do pesquisador Vygotsky (2019), para quem a palavra “recepção” corresponde a símbolo de um hermetismo cênico, singular e, ao mesmo tempo, plural, em que a mesma produção pode ter valores semânticos diferenciados, se analisada por pessoas diferentes.

Do ponto de vista pedagógico interdisciplinar, a ação didática “Teatro, Cinema e História” foi positiva, visto que oportunizou variadas percepções e recepções das práticas educacionais artísticas e culturais, oferecendo, ainda, uma gama de desmetaforização de uma mesma produção analisada, já que o Teatro e o Cinema jamais serão artes estáticas, mecanizadas e, sob nenhuma hipótese, tenderão a robotizar as ações do espectador atento e perspicaz, especialmente no contexto escolar. Estudantes, motivados e com apoio teórico-técnico e socioemocional mostraram-se acolhidos, engajados e protagonistas durante as etapas da ação proposta. Verificamos que o trabalho cênico possibilitou aos estudantes agirem como atores e atrizes, entrando em contato com seus próprios sentimentos, para

fazer nascer o personagem, o qual precisava ter vida própria. Foi um trabalho de formação humanista e comunitária, com comunicação compassiva, com deslocamentos e com projeção e vivência de emoções, sentimentos e sentidos, para uma liberdade criativa e emancipatória.

Portanto, trabalhar a arte e a produção cinematográfica com os estudantes foi uma atividade extremamente prazerosa, haja vista que os aspectos lúdicos dessa tarefa resultaram em crescimento experencial e social, destacadamente dos alunos com necessidades específicas ou pontuais, os quais no decorrer das etapas se sentiram desinibidos, autoconfiantes e engajados à possibilidade de construção de conhecimento e habilidades do mundo artístico, literário, histórico e sociocultural, nas dimensões local e universal.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério de. Cinema e educação: fundamentos e perspectivas Educação em Revista Belo Horizonten.33e1538362017, P. 1 -28. Disponível em: <https://www.scielo.br/jedurakbqWpx6Vq6DszHrBT887CBk?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- BANNEL, Ralph Ings et al. Educação no Século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens. Rio de Janeiro: Vozes, Editora PUC/2016.
- BRASIL. Casa Civil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 abr. 2024.
- BRASIL. Casa Civil. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de junho de 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRASIL. Secretaria Geral. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Estatuto da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União, Brasília, 7 de julho de 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2ª ed. revista e atualizada no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.
- CIVITA, Victor. Introdução e História. São Paulo: Abril Cultural, 2010. (Coleção Teatro Vivo)
- CABRERA, Júlio. O cinema pensa: uma introdução à filosofia do cinema. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- CINE Olympia – Wikipédia, a enciclopédia livre. Pt.wikipedia.org.
- COMPETÊNCIAS socioemocionais como fator de proteção à saúde mental e ao bullying. BRASIL-MEC. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-protecao-a-saude-mental-e-ao-bullying>. Acesso: 30 nov. 2024.
- DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FARIA, João Roberto; GUINSBURG, J.; LIMA, Mariângela Alves de. Dicionário do Teatro Brasileiro – Temas, Formas e Conceitos. São Paulo-SP-Brasil: Editora Perspectiva S.A., 2006.

FARIA, João Roberto F. História do teatro brasileiro. Volume 1: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2023.

FILGUEIRAS, Karina Fideles; FORTES, Sônia Firmato. A interdisciplinaridade como facilitadora da inclusão e enriquecimento da aprendizagem: um estudo de caso. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 22, nº 13, 12 de abril de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/13/a-interdisciplinaridade-como-facilitadora-da-inclusao-e-enriquecimento-da-aprendizagem-um-estudo-de-caso>. Acesso em: 20 jun. 2025.

GADOTTI, Moacir. A organização do trabalho na escola: alguns pressupostos. São Paulo: Ática, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LACERDA, Franciane Gama. “Merecedoras das páginas da história”: memórias e representações da vida e da morte femininas - Belém, séculos XIX e XX. Cadernos pagu, Nº 38, janeiro-junho, p. 395-423, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/9Nws5Nr9Xpp9mGtSmbmJwCN/?lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 2003.

LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 7ª ed. – Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023.

MAGALDI, Sábato. O Texto no Teatro. São Paulo: Perspectiva, 1989.

MINELLO, Roberto Domingos. Práticas educativas: a interdisciplinaridade como estratégia para a aprendizagem no Ensino Fundamental. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, ano 2, ed. 1, v. 1, p. 220-239, abr. 2017. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/praticas-educativas>. Acesso em: 14 jun. 2025.

PALLOTTINI, Renata. Dramaturgia – A Construção do Personagem. São Paulo: Ática, 1989.

PRADO, Décio de Almeida. História Concisa do Teatro Brasileiro. São Paulo: Edusp, 1999.

SALLES, Vicente. Épocas do teatro no Grão-Pará, ou apresentação do teatro de época (tomo I). Belém, PA: Editora UFPA, 2012.

SPOLIN, Viola. O jogo teatral no livro do diretor. São Paulo: Perspectiva, 2015.

STANISLAVSKI, Constantin. A preparação do ator. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

THIESEN, Juares da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. Revista Brasileira de Educação, v. 13 nº 39, p. 545-598, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/swDcnzst9SVpJvpx6tGYmFr/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2025.

TOURINHO, Nazareno. Peças Teatrais de Nazareno Tourinho. Organizadora: Bene Martins. 1ª edição. Belém-Pará: Editora Cejup, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A construção do pensamento e linguagem. São Paulo: É realizações, 2019.